

AGORA O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA: A POTÊNCIA DA MARGEM NOS CORPOS-MANGUE

Ronan Aguiar de Freitas ¹
Larissa Evellyn Lourenço²
Pedro Silva Marra ³

RESUMO

Neste artigo me identifico como um corpo-mangue levando em consideração minha ligação pessoal e política com o território do mangue e a região da grande goiabeiras, em Vitória, ES. Apresento aqui uma reflexão teórica sobre o projeto de pesquisa “Audiovisual, territorialidades e olhares: análise das produções Mangue Escola e Griôs de Goiabeiras a partir de suas interações com o mangue e suas territorialidades” discutindo como o mangue, a região da grande goiabeiras e os corpos-mangue foram historicamente marginalizados, explorados e desvalorizados pela sociedade brasileira, sofrendo processos de desvalorização e desterritorialização. Eu destaco a importância e a urgência em escutar e despertar as percepções dos corpos-mangue, reconhecendo sua potência criativa, cultural e política.

Palavras-chave: Corpo-Mangue, Territorialidades, Potência da Margem, Marginalização, Desterritorialização.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz uma reflexão teórica com relação ao projeto de pesquisa “Audiovisual, territorialidades e olhares: análise das produções Mangue Escola e Griôs de Goiabeiras a partir de suas interações com o mangue e suas territorialidades” que tem como objetivo analisar as dimensões interna e externa das produções Mangue Escola e Griôs de Goiabeiras a partir das suas interações com o território do mangue de goiabeiras e suas territorialidades.

O mangue para além de um ecossistema, representa também uma fonte inesgotável de memórias, culturas e identidades. Minha ligação com o mangue para além de uma relação de pesquisa, tem origens pessoais, quando pequeno minha mãe contava que fui concebido em uma casa de palafita em cima do mangue de Itanguá em Cariacica, hoje em dia olho e passeio com meu filho pela orla do mesmo mangue mas agora em seu lado oposto, na região de grande goiabeiras em Vitória.

¹ Mestrando do Curso de Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, ronan.freitas@ufes.br;

² Doutoranda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, larissa.lourenco@ufes.br;

³ Professor orientador: Doutor, Departamento de Comunicação - UFES, pedromarra@gmail.com.



Figura 1: Posicionamento de Itanguá em Cariacica e Goiabeiras em Vitória em relação ao mangue.



Fonte: Google Maps

Entendendo o meu corpo como território político que assim como o território do mangue é “[...] histórico, e não biológico. E conseqüentemente [...] foi nomeado e construído a partir de ideologias, discursos e ideias que justificam sua opressão, exploração, submissão, alienação e desvalorização.” (GRIJALVA, 2020) Posso dizer que essa relação vai muito além de uma simples comparação ou metáfora, eu e muitos outros somos corpos-mangue assim como o próprio mangue (JUNIOR, 2023, p. 63).

Em Futuro Ancestral Krenak (2023) nos fala dos corpos dos rios que falam conosco mas não escutamos, o manguezal da grande vitória está localizado no encontro, no entrecruzamento, na encruzilhada entre a bacia do rio santa maria e o mar da baía de vitória. Um dos maiores manguezais urbanos da américa latina⁴ é visto ainda hoje por boa parte dos habitantes da pequena grande cidade de vitória ou vitorinha como é conhecida

⁴ Termo usado pela “[...] intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira” Lélia Gonzalez para “[...] substituir a ideia de uma américa latina, de povos latinos brancos, para um território indígena e africano. (EVELLYN, 2023)



“carinhosamente”, como o esgoto, a lata de lixo da cidade⁵. Podemos pensar a própria região da grande goiabeiras como um território-corpo-mangue, a história do bairro carrega em si significados que se confundem com a minha história e com a história do mangue.

Assim como Carolina Maria de Jesus, sai do quarto de despejo para a sala de visitas⁶, e a região da grande goiabeiras fez o mesmo movimento, embora aparentemente sem sair do lugar, deixando de ser só o lixão da cidade e passando a ser também um espaço onde se recebem os turistas que vêm curiosos para conhecer as expressões culturais da região, principalmente as panelas de barro, ou seja, uma sala de visitas da cidade. O mangue também, depois de muitos anos sendo visto como sujo, feio, degradado, sendo muitas vezes e até hoje o destino do lixo e do esgoto, ao mesmo tempo tenta-se hoje resgatar sua imagem enquanto ecossistema importante para a natureza e para a vida na terra tendo um papel central no combate às mudanças climáticas (IGUI ECOLOGIA, 2019).

ANDADA: DE CARANGUEJO A GABIRU⁷

O sol queimou, queimou a lama do rio
Eu vi um chié andando devagar
E um aratu pra lá e pra cá
E um caranguejo andando pro sul
Saiu do mangue, virou gabiru
(Da Lama ao Caos, Chico Science e Nação Zumbi, 1994)

A minha andata começa quando minha avó soube que minha mãe estava grávida e ofereceu uma casa para ela morar em Santa Fé - Cariacica. Mais um passo foi dado quando minha avó que na época morava em Itapemirim também em Cariacica ofereceu trocar de casa com minha mãe e meu pai, já que ficara vazia após os 7 filhos terem tomado seus rumos, a minha mãe era a caçula. Quando eu tinha 11 anos minha mãe faleceu. Mas ela me deixou uma missão, cuidar da minha educação assim como ela tinha feito até ali. Com 13 para 14 anos ouvi falar de uma tal escola técnica, lembrei que quando terminei o ensino fundamental I minha mãe tinha dito sobre uma escola de ensino fundamental II que ainda tinha ensino técnico e que gostaria de juntar com outros pais para conseguir nos matricular nessa escola que era um pouco mais distante, conseguindo assim organizar a divisão do valor do

⁵ A autora Lélia Gonzalez (2021) se refere à lata de lixo como o lugar que o negro ocupa na sociedade brasileira, já que o mesmo é infantilizado, ou seja aquele que não pode falar por si, mas sim que é falado pelos outros, pelos “adultos”.

⁶ A autora subdivide a cidade em algumas partes em referência às partes de uma casa, a favela, a periferia é o quarto de despejo, a sala de visitas é aquele lugar onde o negro, o favelado até que é recebido, mas só de passagem, só como uma atração, algo exótico, mas não como pertencente. (DE JESUS; DANTAS; TEIXEIRA, 1960)

⁷ Gabiru é uma espécie de rato que vive nos esgotos das grandes cidades.



transporte, isso não aconteceu, a organização não deu certo, ou a vida não deixou mesmo, mas me apeguei àquilo e foi aí que quando estava prestes a entrar no ensino médio que ouvi falar da tal escola técnica, que ficava em Vitória, pensei, preciso passar nessa escola é o que minha mãe queria, tinha uma prova para passar, pedi meu pai para pagar um curso, com muita dificuldade ele conseguiu, fiz a prova e passei, fiquei de suplente, quarto da lista de espera, logo na primeira semana fui chamado, daí corre daqui corre de lá, precisávamos fazer a matrícula, mas... eu não tinha ainda o histórico do ensino fundamental, minha escola teve greve alguns anos antes e ainda não tínhamos conseguido retomar o calendário regular, precisamos procurar a justiça, fomos até o jornal, e no fim algumas semanas depois minha matrícula foi aceita. Daí para a frente começa minha entrada na “sala de visitas”, no CEFETES⁸ tive acesso a outro mundo, a outras ideias, mas também a outros preconceitos e a outras violências, aprendi o que era uma graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado, mas também aprendi que eu era negro, um corpo diferente, dissidente, quem nem sempre era visto como parte daquele lugar, de caranguejo, nascido do mangue, passei a gabiru, um corpo não desejado em um espaço que não era meu, longe de casa. A jornada continua quando entro na Ufes em 2009 no curso de Engenharia da Computação e depois mais tarde em 2012 no curso de Cinema e Audiovisual, que também com muita dificuldade consegui concluir em 2022 após 10 anos, foi nesse período que vim morar em goiabeiras, já em 2012 morei com alguns amigos em uma república na região, mas as andanças não pararam muitas vezes me mudei dentro do bairro, cheguei a morar por alguns meses em uma ocupação na universidade o Minha Ufes, Minha Casa, passei por Serra Sede, Tubarão, Jardim Carapina e São Cristóvão depois retornei continuando as mudanças dentro do bairro, nesse caminho errante muitas vezes me aproximei e me distanciei do mangue tanto em seu sentido físico como em seu sentido simbólico, entendendo o mangue aqui como ancestralidade, do passado e do futuro como diz Krenak (2023) que é e que será antes e depois de nós.

Da mesma forma, alguns moradores mais antigos da região contam que uma parte dela, mais especificamente os bairros de Maria Ortiz e Jabour foram construídos literalmente em cima do lixo, segundo esses moradores houve um momento em que a prefeitura estimulou que o lixo fosse jogado no local para que fosse utilizado no aterramento da região, ao mesmo tempo algumas moradoras(es) retiravam do lixo parte de seu sustento, bem como do mangue, através da pesca e da cata do caranguejo⁹.

⁸ Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo, hoje IFES, Instituto Federal do Espírito Santo.

⁹ Trecho referenciado em falas proferidas em uma roda de conversa organizada pelo coletivo SOS Manguezal intitulada Elementos e Saberes do realizada no dia 26/07/23 na mangueoteca, biblioteca comunitária da região.



Figura 2: Algumas de minhas andanças nessa trajetória errante em torno do mangue.



Fonte: Google Maps

Destruir o mangue é destruir o próprio corpo...



AGORA O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA

Samba Lelê tá doente
tá com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
é de umas boas palmadas
(Cantiga Popular)

Recentemente passei por uma situação de racismo onde mais uma vez me foi questionado quem eu era e o que estava fazendo naquele lugar, não é a primeira vez que isso acontece comigo na Associação de Docentes da UFES (Adufes), seção local do ANDES-SN (Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior - Sindicato Nacional) e como se não bastasse, além disso ainda tive que ver alguns professores meus, atuais e antigos acusando a mim e a direção do sindicato, que emitiu uma nota de denúncia e apoio de tentar usar o caso para influenciar nas eleições da reitoria e da direção do sindicato, ou seja, como se não bastasse estar com a cabeça quebrada ainda era preciso que eu tomasse algumas palmadas, além disso minha companheira foi alvo de exposições e campanhas de difamação acusando-a de geradora de confusões. A lata de lixo esse lugar de não-fala, ou não escuta se pensamos junto com Grada Kilomba (2019), do qual Lélia Gonzalez (2021) nos fala é o lugar dos infans (aqueles que não falam por si), de infantilização. Ao negro, ao pobre, ao favelado no Brasil é reservado esse lugar, o mesmo lugar que os juruá¹⁰ reservam à criança, à natureza, à mulher, ao feminino, às pessoas LGBTQUIAPN+ e a todos os outros corpos-territórios dissidentes. Perguntas como – Quem você é? ou – O que você está fazendo aqui?, são como aponta Isildinha Baptista Nogueira (2021) formas de assujeitamento, de desvalorização do sujeito que deslocam sua identidade para aquilo que a sociedade diz que ele realmente é, um bandido, um vagabundo, uma barraqueira geradora de confusões ou seja um(a) subalterno(a), são marcas que identificam que aquele não é o seu lugar, pelo menos não ali, não daquela forma. na mesma sala do café onde aconteceu a situação que descrevi anteriormente, quadros com pessoas negras em situações “naturais” estão expostos, mostrando de forma clara que aquela ali é uma sala de visitas onde o negro só pode ser visto como atração como exótico, dentro de um quadro, enquadrado.

Em + quadro = Enquadro.

Mas nem tudo é só dor e sofrimento, como aponta Kilomba (2019) a partir das ideias de margem e centro de bell hooks, a margem não é só lugar de perda e privação, ou seja, de

¹⁰ Brancos em Guarani.



desterritorialização, mas também um espaço de abertura radical onde novos discursos críticos se dão (esse artigo é uma prova disso) possibilitando a imaginação de novos mundos. Por isso escutar e despertar as percepções desses corpos-mangue é importante e urgente.

REFERÊNCIAS

DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo**. [S.l.]: Livraria F. Alves, 1960. v. 1.

EVELLYN, Larissa. **Quem Foi: Lélia Gonzalez**. . [S.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzeBDZzO12u/?img_index=1>. Acesso em: 12 nov. 2023. , 11 nov. 2023

GRIJALVA, Dorotea Gómez. **Meu corpo é um território político**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

IGUI ECOLOGIA. **MANGUEZAIS**. Disponível em: <<https://www.iguiecologia.com/manguezais-e-sua-importancia-nas-mudancas-climaticas/>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

JUNIOR, Homero. **Esquizoanálise de corporeidades brasileiras: Cartografias corporais em Movimento~Mangue**. 2023. 106 f. Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/a49fbb55-f40d-4686-9058-5de094839d4e/content>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo, SP: Companhia Digital, 2023.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**. 1a edição ed. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2021. (Coleção Palavras negras).

RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). Racismo e Sexismo na Cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por Um Fem. Afro-Lat.-Am. Ens. Interv. E Diálogos**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021. p. 75–93.